

CAMINHOS E DESCAMINHOS DE UNE CORPE ABJETE: UM PERCURSO ENTRE A MÁQUINA DE ROSTIDADE E LINHAS DE FUGA

Elza Cândido de Farias

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação Ensino e História das Ciências e da
Matemática da Universidade Federal do ABC - UFABC
elzafari@gmail.com*

Allan Moreira Xavier

*Professor Adjunto do Centro de Ciências Naturais e Exatas da Universidade Federal do
ABC – UFABC. Credenciado no Programa de Pós-Graduação em Ensino e História das
Ciências e da Matemática da mesma universidade
allan.xavier@ufabc.edu.br*

*Simpósio Temático nº 24: INTERSECCIONALIDADE, VIVÊNCIAS E
CORPORALIDADES DISSIDENTES: DESIGUALDADES DE RAÇA, GÊNERO E
SEXUALIDADES AMPLIADAS PELA PANDEMIA.*

RESUMO

A interseccionalidade (CRENSHAW, 1990), refere o processo pelo qual uma gama de discriminações subalterniza corpos considerados fora da norma, classificados, segundo Butler (2019), como abjetos. A sociedade marcada pela cisheteronorma, racismo estrutural, patriarcado, capacitismo, opressões de classe entre outras, cria marcadores de subalternização e exclusão. Corpes entendidos como máquinas desejanter, têm sua *potentia gaudendi* ou “força orgásmica” (PRECIADO, 2018) capturada em força de produção e reprodução capitalística. A máquina de rostidade cria padrões, para corpes ou paisagens, de modo a incluir/excluir, analisar, classificar e interditar aqueles tidos como inconformes; separa assim corpes abjetos, daqueles adequados à norma, que têm como padrão o rosto de Cristo. Corpes subalternizados almejando inserção, buscam formas de adequabilidade à norma através do consumo de “kits de subjetividades” ou identidades prêt-à-porter, apresentados por Rolnik (2019), ou ainda, voltando-se para o armário como forma protetiva e possibilidade de existência (OLIVEIRA, 2017). Contaremos com a presença conceitual de Deleuze e Guattari (1997, 2010) e sua filosofia da diferença como ferramentas para cartografar os caminhos e descaminhos de une adolescente não heteronormative, surde, racializada, em momentos dos anos finais do ensino fundamental. Esse trabalho faz parte de pesquisa realizada para curso de mestrado e não busca apresentar verdades universais, antes, as possibilidades de resistência e de linhas de fuga encontrada por une adolescente. Tais acontecimento poderão nos solicitar e levar a pensar sobre as formas de ser e existir e questionar a norma, desconstruindo o instituído e possibilitando a emergência de máquinas de guerra dentro das heterocisnormas racializadas.

Palavras-chave: Máquina de guerra, máquina de rostidade, interseccionalidade, racialidade, heterocisnorma.

ABSTRAT

Intersectionality (CRENSHAW, 1990) refers to the process by which a range of discrimination subordinates bodies considered outside the norm, classified, according to Butler (2018), as abject. A society marked by cisheteronorma, structural racism, patriarchy, capacitation, class oppression, among others, creates markers of subordination and exclusion. Corpses understood as desiring machines, have their potentia gaudendi or “orgasmic force” (PRECIADO, 2018) captured in the force of production and capitalistic reproduction. A machine for the face of creation patterns, for bodies or landscapes, in order to include / exclude, analyze, classify and interdict those considered non-conforming; thus separates abject bodies, fit for the norm, which have the face of Christ as their pattern. Subalternized corpses aiming for insertion, seek ways to adapt to the norm through the consumption of “subjectivity kits” or prêt - à - porter identities, requested by Rolnik (2019), or even, turning to the closet as a protective form and the possibility of existence (OLIVEIRA, 2017). We will count on the conceptual presence of Deleuze and Guattari (1997, 2010) and their philosophy of difference as tools to chart the paths and missteps of a non-heteronormative, deaf, racialized teenager in moments of the final years of elementary school. This work is part of a research carried out for the Master's course and does not seek to present universal truths, rather, as possibilities of resistance and lines of escape found by an adolescent. Such events prompted us to ask and lead us to think about ways of being and existing and questioning a norm, deconstructing the instituted and enabling the emergence of war machines within racialized heterocysnorms.

Keywords: War machine, face machine, intersectionality, raciality, heterocysnorm.

Introdução

Olhar para corpos dissidentes, estar com ilus, faz parte da vivência diária de muitas pessoas. Tais pessoas são atravessadas por questões diversas, que ao interseccionar singularidades pertinentes a gênero, raça/etnia, classe social, capacitismo, entre outras, complexificam a paisagem e sua análise, ao mesmo tempo que solicitam invenções de modos de existir para não sucumbir às capturas e sofrimentos. O período pandêmico, vivido, no Brasil, desde março de 2020, foi marcado por percalços decorrentes tanto do desconhecimento do vírus SARS COV-2, como pelo negacionismo, fruto da guinada à

extrema direita que tem marcado a organização político-econômica-social do país. Tal cenário trouxe desafios adicionais a corpos não normatizados.

O presente trabalho tem como base olhares e movimentos suscitados a partir de caminhos e descaminhos com uma adolescente não cisheteronormativa, surda, racializada, em uma escola pública de São Paulo. Mas como seguir deixar-se afetar pelas vivências singulares de uma estudante? Foi utilizada como método a cartografia, a fim de seguir e mapear fluxos, linhas, territorializações e desterritorializações (OLIVEIRA, PARAÍSO, 2012). A escrita cartográfica, busca a vida que pulsa nas palavras, nos pensamentos, nos encontros. Não tem como objetivo cristalizar verdades, ou registrar essências, uma vez que tudo é movimento.

Esse trabalho ganhou movimento a partir de algumas falas trazidas por uma adolescente de escola pública na região metropolitana da cidade de São Paulo, que emergindo como um corpo abjeto, vivencia, em suas experiências, inquietações que podem auxiliar-nos a problematizar experiências de corpos abjetos e algumas das implicações que surgem, seja em relação às máquinas estatais de reprodução social, seja na possibilidade de criação de máquinas de guerra (DELEUZE, GUATTARI, 2012), ainda que estas possam ser também capturadas. Tais problematizações objetivam inquietar e convidar a deixar-se afetar pelas aspirações e mais do que isso, para a emergência dessas aspirações, num olhar de que “desejo se cria e consciência se constrói”, num convite a perceber que não há uma essência desejante apriorística que marcando os sujeitos, determina o que e como sentem, contribuindo para a consolidação de uma identidade.

Corpes em existências singulares

Ilha chega, encontra uma pessoa: cabelos loiros, longos com baby liss, salto alto e roupa fashion. Para! A olha detidamente... Linda você! – fala com as mãos. Pede para conversar, e suas mãos agitadas – ele é surdo – produzem sinais que trazem mensagens entrecortadas, crivadas por sentimentos fortes, nem sempre inteligíveis: “futuro – magro precisa – bonito – rico – usar minissaia e salto alto – brilho – casa comprar – idade 18 – namorar pode – meninos bonitos...” Anseia tantas coisas, ser/estar ‘bonito’, magro, rico, ouvir, morar na terra da rainha, namorar... Sua corpa pede um espaço-tempo outro.

Para pensar sobre os múltiplos atravessamentos de existências que destoam das normas, lançamos mão do conceito interseccionalidade trazido por Kimberlè Crenshaw (2012), para referir especialmente às mulheres racializadas, que ao passar por violências

públicas ou negação de direitos civis iguais a homens pretos, percebia-se como negação aos direitos humanos e portanto, passíveis de serem reparadas; mas ao experienciar violências no ambiente doméstico ou “quando alguma tradição lhes negava acesso à tomada de decisão, suas diferenças em relação aos homens tornavam tais abusos periféricos em se tratando das garantias básicas dos direitos humanos” (CRENSHAW, 2012, p. 172). A utilização do gênero nas análises pertinentes a questões relacionadas a raça/etnia propicia um conhecimento “mais profundo das formas específicas pelas quais o gênero configura a discriminação” (CRENSHAW, 2012, p. 173). A autora utiliza a imagem de uma avenida em que todos tentam avançar; a via principal seria as questões raciais, que por si só, assinalam exclusões; e cada uma das questões tidas como marcadores de diferença representariam um semáforo que impede ou retarda o avanço de uma pessoa ou grupo (idem, 2012). Quanto mais diferenças, mais difícil ascender nessa via que representa a própria vida na sociedade capitalística (GUATARRI, ROLNIK, 2007) marcada por preconceitos e exclusões. Dentre os marcadores de diferenças, queremos jogar luz sobre o capacitismo e as formas singulares como marca as vivências. Na chave dicotômica a pessoa capaz ou genericamente chamada de “normal” é contraposta à pessoa deficiente. Entendemos, assim como Mello e Nuernberg (2012, p. 636), “o fenômeno da deficiência como um processo que não se encerra no corpo, mas na produção social e cultural que define determinadas variações corporais como inferiores, incompletas ou passíveis de reparação/reabilitação quando situadas em relação à corponormatividade” Pensando particularmente o fenômeno da surdez, vale considerar, que há duas visões bastante distintas: uma de viés da patologização, que vê a pessoa surda em sua falta, e portanto, é passível de ser corrigida; outro viés vê “a surdez como experiência visual inserindo o surdo no discurso antropológico e cultural” (CARVALHO, MARTINS, 2016, p. 397), cuja diferença é marcada pela língua, que não tendo como marcador a oralidade, é visual espacial. Propomos, que a vida acontece no meio: não estando no polo da patologização, nem no polo da essencialidade cultural surda; mas na singularidade da vida que se apresenta, e em diferentes relações com Libras, com próteses, criando singularidades.

Nessa estrada o conceito interseccionalidade será base para analisarmos as múltiplas exclusões e sofrimentos que vivenciam corpos tidos como abjetos, não apenas em relação a gênero, mas em uma multiplicidade de situações. Um corpo não escolhe ser

viste como abjete. É assim classificada à medida que não performa ou é reconhecida dentro dos padrões estabelecidos. A simples pergunta “é menino ou menina?” (BUTLER, 2018, p. 191) marca o momento em que corpos são qualificadas como humanas. No entanto, quando uma imagem corporal não se liga ao sexo “biológico” e consequentemente ao binarismo feminino/masculino, fêmea/macho, é tida como fora do humano, “constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto em contraposição a qual o próprio humano se estabelece” (idem). O sentido de abjeção se configura a partir da imagem do que pertence a norma e o que é o “Outro”. Ou seja, para que emerge um padrão, algo precisa ser lançado para fora, como um dejetivo, “é dessa forma que o Outro ‘vira merda’” (BUTLER, 2018, p. 191). Mas esse Outro, visto como dejetivo, não é lançado fora totalmente, não é descartado; antes é colocado em um fora-dentro (DELEUZE, GUATTARI, 2012), que garante e reitera a cisheteronorma, ao servir como ameaça a todos os corpos de que, em caso de não cumprimento das normas estabelecidas, serão também lançados fora tornando-se abjetos. Ocorre que

a cada instante a máquina rejeita rostos não conformes ou com ares suspeitos. Mas somente em certo nível de escolha pois será necessário produzir sucessivamente desvios padrão de desviação para tudo aquilo que escapa às correlações biunívocas, das relações binárias entre o que é aceito em uma primeira escolha e o que não é tolerado em uma segunda, em uma terceira etc. (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 47-48)

O Outro, não completamente rejeitado, busca criar identidades, para que possa ser enquadrado a um padrão mesmo que não hegemônico. Esses desejos de enquadramento e aceitação movimentam toda uma maquinaria de consumo (ROLNIK, 2019) e cristalizam identidades. A identidade nessa paisagem, é vista como um constructo a partir das forças que se relacionam e que afetam, criando identidades moventes, que têm o tempo de uma escultura de areia: sendo afetadas por forças internas e externas, movem-se e renovam-se, dando origens a outras possibilidades de ser e existir. Ou ainda, capturadas pelos discursos e *modus* capitalísticos, permanecem numa tentativa contínua de aceitação a partir do consumo de pacotes identitários prontos, que demandam um novo estilo, uma nova forma de apresentar-se inteligível à sociedade ou grupalidade a qual se pretende pertencer. Segundo Rolnik (1997, p. 19), essa

produção de kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural, etc. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades

globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade.

Em consonância com a autora, a flexibilização das identidades, guardam uma cristalização que é a necessidade de atender às demandas de aceitação e pertencimento marcadas pelo consumo de itens que se alteram com a velocidade de um clique e obrigam ao consumo de novidades do mercado, padronizadas. Esse padrão é o “rosto é o Cristo: rosto europeu típico[...] o “homem sensual” (DELEUZE E GUATTARI, 2012, p. 74). A fabricação das padronizações é realizada por aquilo que os autores chamam de máquina abstrata de rostidade.

Mas ao criar um padrão de rosto, cria-se também um corpo que “combina” com esse rosto. Pois o rosto não é uma cabeça; ele é formado quando a cabeça, é desterritorializada enquanto organismo e passa ao estrato de “significância ou de subjetivação” (idem, 2012, p. 46), reterritorializando-se em rostificações, que por sua vez, cria uma paisagem. O corpo de Cristo configura um corpo sensual: branco, europeu, magro, de musculatura bem delineada, quase um abdômen trincado e produz um padrão de existência. Não é mote do presente trabalho uma análise detalhada, ou histórica, do que faz emergir a figura como hoje é conhecida, mas refletir nessa superfície, com a imagem que se apresenta e que modelos e padrões conjura e como ela pode capturar corpos, marcando formas de existência e de exclusão dos corpos inconformes.

É a partir desses atravessamentos, que voltamos a caminhar com une adolescente, e a partir de suas questões “identitárias” fazer pensar sobre maquinarias e as formas como criam o dentro e o fora e especialmente, como corpes excluídos tentam encontrar recursos para “fazer parte” e sentir-se pertencentes.

Corpe abjete na escola fundamental: entre currículos e existência

Professora, no futuro trabalhar posso, rico, mudar cor pele, branco, olho azul?

Pesquisar gênero e sexualidade marcada pela racialidade das corpas, não é tarefa simples, seja para buscar acontecimentos com estudantes dos anos finais do ensino fundamental, seja para colocar em análise o discurso de professores envolvidos em seu mister cotidiano: apresentar aulas-conceitos, aulas verdades, conformações a serem reproduzidas. A verdade das coisas, está presente em todas as disciplinas. Mas ao tratar da vida e especialmente do corpo, ganha destaque a disciplina de ciências da natureza,

uma vez que é ela a principal responsável por falar a verdade dos seres animados ou inanimados, apresentando verdades científicas como se a ciência fosse ahistórica e apolítica, em suma: neutra.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC – que é “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2017), não só apresenta saberes essenciais a todos os estudantes, como pauta o que pode ou não ser ensinado a um olhar “terrivelmente conservador¹”.

A educação sexual, foi reduzida às questões biológicas e de higiene (BRASIL, 2017); as relações são apresentadas a partir de questões biológicas e hormonais. Tais olhares ganham relevância com o acirramento e divulgação da chamada *teoria ou ideologia de gênero*.

Junqueira (2017) faz um levantamento referente ao emprego desses termos, mostrando que não são aleatórios ou acidentais, antes foram sistematicamente testados com o intuito de movimentar fortes reações emocionais, impedindo uma análise mais criteriosa. Embora tenha se tornado comum informações que a escola será palco de ensinagens relacionadas a sexualização infantil, banheiros mistos, permitindo que crianças de diferentes idades entrem em contato com corpos uma das outras, entre outras práticas atribuídas à ideologia de gênero. Quando se fala em ideologia de gênero, a luta do movimento feminista pela paridade de direitos entre homens e mulheres, é apresentada como uma “ideologia” que desrespeita as diferenças biológicas, convoca à “guerra dos gêneros”, desafiando a construção social dos papéis sexuais com o objetivo de “abolir a natureza humana” e impedir a principal missão da mulher na esfera educativo-zeladora” (JUNQUEIRA, 2017, p. 30). Nesse campo de disputa, a Base Nacional Comum Curricular, desloca o aporte às questões de sexualidade e de gênero. Sendo palavra excluída no documento, constam apenas enquanto gênero(s) textuais no conteúdo de Língua Portuguesa. No que tange à sexualidade

Nos anos finais, são abordados também temas relacionados à reprodução e à sexualidade humana, assuntos de grande interesse e

¹ Referência a nomeação de Damares Alves para o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, e outras figuras que embora atuando em um Estado laico, fazem valer pautas ultraconservadoras. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/02/estado-e-laico-mas-esta-ministra-e-terrivelmente-crista-diz-damares-ao-assumir-direitos-humanos.ghtml>. Acesso em 06/12/2021.

relevância social nessa faixa etária, assim como são relevantes, também, o conhecimento das condições de saúde, do saneamento básico, da qualidade do ar e das condições nutricionais da população brasileira (BRASIL, 2017, p. 327).

Dessa forma, a sexualidade humana fica vinculada às questões tão somente biológicas e relativas ao autocuidado, saúde e higiene. Pode-se dizer que a BNCC indica os temas centrais a serem desenvolvidos e cabe ao professor o seu desenvolvimento e escolha dos aportes necessários. Entretanto, é necessário lembrar que nos últimos anos, no Brasil, o Movimento Escola Sem Partido² vem cerceando a liberdade de cátedra dos professores, espalhando desinformação e incentivando pais e estudantes a denunciarem profissionais da educação que abordem temas indicados por eles como ideológicos. Utilizando o termo “doutrinação” para apontar e criticar discussões em torno dos temas desprestigiado, produzem e incentivam acusações contra escolas e professores genericamente classificados “de esquerda”.

A BNCC, embora seja um documento norteador de cunho nacional, não impede a autonomia dos Estados e Municípios na elaboração de seus currículos. Passamos assim a examinar o Currículo da Cidade de São Paulo, que foi reformulado em 2017, e que apresenta diretrizes referente à forma como a educação deve organizar-se e materializar-se na cidade. O Currículo da Cidade de São Paulo está organizado em Objetivos de Aprendizagens e Desenvolvimentos (OAD). Esses OAD devem ser desenvolvidos pelos professores a fim que, ao final dos ciclos, estudantes tenham aprendido as competências eleitas como prioritárias. Ocupam assim papel central, mas cabe ao professor, “no planejamento de aula e no desenvolvimento das atividades podem se relacionar de diferentes modos com os demais componentes curriculares” (SÃO PAULO, 2019, p. 33). Dessa forma o Plano de Orientação Didática, permite que os conteúdos, ainda que relacionados em cada ciclo/ano, possam ser abordados de formas diferentes e em parceria com diversas disciplinas, dando vistas a uma construção de interdisciplinaridade, para que os saberes sejam apresentados de forma ampliada. Além disso, foram incluídos no Currículo da Cidade de São Paulo os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Alinhados com a Agenda 2030 adotada pela ONU em 2015, apresentam 17 objetivos “no planejamento de aula e no desenvolvimento das atividades podem se relacionar de diferentes modos com os demais componentes curriculares” (SÃO PAULO, 2019, p. 33).

² <http://www.escolasempartido.org/>. Acessado em 15 de Novembro de 2021.

Apostamos na articulação dos OAD com os ODS para possibilitar abordagens interseccionais de temáticas relacionadas a gênero, raça, classe etc.

No componente Ciências da Natureza, a temática de gênero e sexualidade aparece uma única vez, apresentada aos estudantes do 7º ano do ensino fundamental. Sob o OAD “(EF07C23) Reconhecer as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural e afetiva), valorizando e respeitando a diversidade sem preconceitos baseados nas diferenças de gênero e/ou orientação sexual” (SÃO PAULO, 2019, p. 103). Esse objetivo de aprendizagem, ao envolver não apenas a dimensão biológica, mas ampliar para marcadores sociocultural e afetivo, permite uma abordagem ampliada que pode chegar à temática de gênero. Especialmente porque vinculado aos objetivos estão os ODS, 5 – Igualdade de gênero, 10 – Redução das desigualdades e 11 – Cidades e comunidades sustentáveis. Relacionando tais elementos é possível desenvolver um projeto que aborde as questões de gênero, as exclusões sofridas por grupos minoritários, tais como mulheres, em especial as racializadas e pessoas LGBTQIA+ entre outros de forma mais rica e aprofundada. É, também, possível perceber que o conteúdo étnico/racial e de sexualidade têm possibilidade de abordagem em outros componentes curriculares como História, Geografia, Artes, entre outros. Cabe, no entanto, aos professores e direção fazer a escolha, nem sempre fácil, à medida que ocorre uma hiper vigilância do território escolar.

Diante do apresentado, colocamos em análise os discursos que se configuram no currículo, percebendo aquilo que se coloca a serviço “do aparelho de homogeneização” (ROLNIK, 2019, p. 2), que opera enquanto máquina de rotação: formas consensuais de existências, que desenham aprioristicamente como cada pessoa deve existir, se expressar, enfim, performar (DELEUZE, GUATTARI, 2012; BUTLER, 2018). Mas o que está no currículo, não é um discurso único, antes configura-se um campo em disputa, em que outras possibilidades podem se insinuar e criar afecções. Tais possibilidades passam por lutas pelos direitos de grupos tidos como minoritários não cisheteronormalizados (estrutura molar), mas também podem passar por microcriações, afecções que dinamizam os territórios criando outras possibilidades, que se dão no espaço-tempo das micropolíticas, com a eclosão de devires. Os devires não são uma resposta, a priori, mas colocam em movimento forças, que podem cindir o estabelecido dando origem a outras

formas de existências, que tanto pode ser potencializadora da vida, como incorrer numa linha fascista que reitera o instituído.

O ambiente escolar, ainda que voltado à diversidade, tem sido vigiado e acusado por pais temerosos e inflamados por inverdades divulgadas, que apresentam a escola como palco da doutrinação/ideologia de gênero, kit gay, homossexualização das crianças e adolescentes, demonstrando-se intolerantes e persecutórios, prontos para denunciar ou mesmo agredir quem toca nessas temáticas.

Segundo Butler (2018, p. 231), o corpo não guarda, em si, um caráter ontológico, antes é construído a partir de discursos que “constituem sua realidade” e dão sentido de masculino e feminino às características dos corpos. O sexo não pode ser tido como natural, como uma realidade ‘pré-discursiva’, “anterior à cultura, [como] uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura (idem, 2018, p. 15). A autora argumenta que tanto o sexo quanto o gênero fazem parte de ficções sociais que objetivam “salvaguardar certos dogmas do humanismo” (idem, 2018, p.44), com base em discursos que, muitas vezes repetidos, tornam-se verdades que parecem não ter um início, sendo-lhe atribuído uma função de natural ou natureza.

Para Preciado (2018, p. 38), a atualidade poderia ser chamada de “hipermodernidade punk: onde já não se trata de revelar a verdade oculta na natureza, e sim da necessidade de explicitar os processos culturais, políticos e tecnológicos por meio dos quais o corpo, enquanto artefato, adquire um status natural”. O autor argumenta ainda que, “o sexo se tornou parte tão importante dos planos de poder que o discurso sobre a masculinidade e a feminilidade e as técnicas de normatização das identidades sexuais transformaram-se em agentes de controle e padronização da vida” (ibidem p. 76). Nos informa, que apenas em 1868 foram criadas as identidades hétero e homossexual a partir de um “empirismo, classificação taxonômica e psicopatologia” (ibidem). Os discursos científicos que separam a natureza do sexo, e com isso uma essencialidade fêmea/macho que, a seu turno, balizam uma identidade do feminino e masculino, nascem a partir de uma demanda e como justificativa de uma prática de poder que pressupunha a separação dos corpos, evidenciando que tais identidades são ficções que contribuem para a manutenção da sociedade cisheteronormativa patriarcal.

A pessoa vista como abjeta, seja ela criança, adolescente ou adulta, vê-se como diferente no olhar, na fala, nas risadas que a cerca; vivencia um enigma que lhe é endereçado, antes mesmo de compreender efetivamente qual é a diferença que lhe é apontada como marca de anormalidade (CORNEJO, 2011). Em seu desenvolvimento tenderá a consumir kits mercadorizados subjetividades e objetos, que definirão como vestir, pensar, sentir, transar, relacionar-se; ou seja, “mapas de formas de existência que se produzem como verdadeiras “identidades prêt-à-porter” (ROLNIK, 2019, p. 2), na tentativa de fazer parte, de se sentir pertencente. O consumo dessas identidades padronizadas ocorre no sentido de aliviar suas ansiedades, no entanto, ocorre exatamente o contrário: cria e atualiza o desejo constante de conseguir uma identidade-luxo, para sobrepor à sua identidade tida como lixo.

Máquina de Estado x Máquina de guerra: sobrevivências e corpos possíveis

Futuro namorar menina, porque Jesus gosta de mim. Menino não pode. Alma minha no inferno...

É nesse lugar que lhe encontramos, ali está a corpa antes exuberente, almeçando brilho, minissaia, salto alto e namorar meninxs... Ao endereçar seus desejos, foi percebida pela máquina de rostidade, classificada a partir do padrão biunívoco da cisheteronormaracializada. “Essa máquina é denominada de rostidade porque é produção social do rosto, porque opera uma rostificação de todo o corpo, de suas imediações e de seus objetos, uma paisagem de todos os mundos e de todos os meios” (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 49). Essa máquina binária, comparou sua existência ao rosto e porque não ao corpo de Cristo; e classificou, colocando em menor valor: prete, gorde, divergente de gênero, surde. Vai resolver tudo isso magicamente: deixar de comer para ficar “magrinhe”; vai ganhar dinheiro para trocar a cor dos olhos, precisam ser azuis; a pele vai branquear; mas agora deseja namorar não es iguais, porque isso é algo que o livro de deus não gosta e ele vai queimar no inferno. Mas se ele for bom, estudar e não quiser mais essas coisas, ela vai ser abençoado e vai ter tudo o que deseja...

Na cisheteronorma, a vigilância às corpas é constante para que estes reproduzam o padrão previamente estabelecido. Tais padrões não contam com referência de origem, endereçamento de intencionalidade, são simplesmente chamados, de forma genérica, de natural. Alguns deles contam ainda com a chancela do divino. Retomamos, assim, o conceito do “rosto de Cristo” (DELEUZE, GUATTATI, 2012), o padrão é o homem cis,

branco europeu. O primeiro ‘Outro’, a mulher (BEAUVOIR, 2009), que não sendo o padrão, deve a ele ser subalternizada, servir, e exercer o papel natural(izado) de cuidados e reprodução da vida. Essa maquinaria, que a tudo classifica, continua, como já apresentado, criando classificações binárias:

Ah! Não é nem um homem nem uma mulher, é um travesti: a relação binária se estabelece entre o “não” de primeira categoria e um “sim” de categoria seguinte que tanto pode marcar uma tolerância sob certas condições quanto indicaram inimigo que é necessário abater a qualquer preço (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 50).

Há todo um aparato de monitoramento das corpos infantis e adolescentes, para verificar seus enquadramentos. Destacamos aqui, a forte aliança da sociedade capitalística com a família, escola, igreja e psicologia na construção de corpos conformes à cisheteronorma. A criança bicha-sapatão-travesti não pode existir, pois seu corpe é o túmulo do adulto cisheteronormatizado. Segundo Preciado, esse corpe é tomado como “um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto” (PRECIADO, 2014). No projeto cisheteronormatizado não existe espaço para corpos dissidentes: são vigiados, confinados, medicalizados, na tentativa de sua “cura”, enquadramento, ainda que a padrões de desviança, ou eliminação.

A família é o principal agente de fiscalização e enquadramento de corpos normatizadas (FOUCAULT, 1987). A ela juntam-se outras maquinarias como a escola, que é lugar obrigatório para as crianças desde a tenra idade. Ainda quando a escola não deseja ser a cerceadora e controladora de corpos, há todo um aparato interno e externo que a coloca nesse lugar. Sob o argumento de que devemos ensiná-las a controlar, conter e esconder seus desejos, são construídos discursos, projetos, falas e todo tipo de aparato que possa fazer uma ortopedia moral, psíquica, comportamental (FOUCAULT, 1987).

Muitas famílias convocam, preventivamente, ou para lidar com as dissidências de toda ordem, a religião. Essa por sua vez, lança mão de uma diversidade de aparatos, também no sentido de vigiar, condicionar, cercear, coibir, padronizar, extrair as verdades (FOUCAULT, 1988). Também a psicologia, que pode ser reconhecida como possibilidade de novas formas de ser e existir, tem sua emergência como bastião de modos capitalísticoocidental de organizar a vida, desejos e forças. (COIMBRA, 1995). Essas maquinarias se acoplam de formas diversas, em diferentes momentos, constituindo uma grande maquinaria de condicionamento e reprodução dos valores cisheteronormativos.

Megg Rayara (2020), faz uma cartografia das questões religiosas em relação a gênero e raça. A autora nos fala a partir de suas vivências como criança-bicha-preta; muito embora generalize-se que, essa forma de corporeidade, pareça não ter existência enquanto criança, “ser bicha é vir pronta para o mundo, saltando da barriga da mãe para o centro dos múltiplos discursos que a inventam” (OLIVEIRA, 2020, p. 114). Ela nos conta de sua desconfiança em relação a racialização quando na aula de catecismo pergunta sobre a cor de Adão e Eva e é informada por uma catequista irritada que eles “eram brancos, claro!” e diante de sua descrença, insiste em perguntar como surgiram os africanos e indígenas, além de não receber uma explicação, é mudada de turma; aprendendo logo a guardar suas questões para si. A religião reitera o rosto de Cristo como único padrão possível, as desvianças, podem ser associadas ao pecado original. A autora argumenta, como corpos desviantes, ainda que desconfiada e não representadas em questões religiosas, são arrastadas pela culpa e vergonha por sua dissidência de gênero. A religião opera a partir de discursos, que mobilizam sentidos, sensações, manipulam medos e, acabam por condicionar, seja pela necessidade de aceitação, seja pelo temor do castigo eterno (idem, 2020, p. 129-141).

A máquina de guerra é uma possibilidade de invenção de vida contra as investidas das máquinas estatais (DELUZE, GUATTARI, 2012). Encontrar linhas de re-existências, chamadas por Deleuze e Guattari linhas de fuga é uma possibilidade de invenção de vida, embora sem nenhuma garantia de sucesso, ela garante apenas a possibilidade de movimento, o encontro de intensidades e talvez territorializações diferentes (Idem, 2012) O armário, a despeito de não ser confortável, aparece, pontualmente, como uma possibilidade de existência quando corpos abjetos são excluídos: “O confinamento de gays e lésbicas, em situações pontuais, possibilita uma existência. Nesse caso, o gueto também é um território (OLIVEIRA, 2020, p. 142).

Descaminhos

O corpo de Cristo, enquanto padrão vinculado a cisheteronorma-branca-europeia-masculina-capacitista é o padrão a partir do qual a máquina de rotação opera. Ainda que criando desvianças, há sempre um enquadramento, mais próximo ou mais distante da norma. Toda uma maquinaria criada e articulada para capturar, enquadrar, condicionar ou eliminar; corpos dissidentes deslizam por caminhos tortuosos, lançam olhares para seus objetos de desejos, encontram formas de afetação dos corpos. O período pandêmico, a

partir do distanciamento social imposto, trouxe desafios renovados, à medida que crianças e adolescentes ficaram confinadas e vigiadas em seus lares. Enquanto a tecnologia, as redes sociais, jogos entre outros, mediados pela tecnologia, foi a forma de conexão e manutenção das relações, aquisição de informações, aprendizagens, entre outros; corpos surdes, foram privadas de muitas dessas opções, na medida em que, não sendo usuários da língua padrão, e nem sempre conhecendo Libras o suficiente, ficaram apartados de formas de contato. Voltando para a escola bilingue, as possibilidades de encontro, informação, troca reussurgem e com ela também a bicha-sapatão-travesti-prete-surde re-existe na educação: encontra formas de informar-se, gesta, nos armários em que são lançadas, formas de ressignificar a vida e, encontrar outros caminhos que lhes possibilitem uma existência mais plena. Isso não significa que não sejam capturadas, enquadradas, “curadas”. Talvez, a partir de afecções, seja possível criar linhas, ganhar velocidade ainda que sem sair do lugar, criando devir molecular bicha-sapataão-travesti-prete-surde, seja como afecção a criança/adolescente, seja para professores e outres que circulam no ambiente escolar, para criar outras maquinarias, mais vinculadas com potências de vida e singularidades. Nesse sentido, professores são convidados a também criar possibilidades, ser afectados pelas diferentes corpas, desfazendo-se das certezas do educar, criando microfissuras na educação que alargue as fronteiras e possibilite formas diversas de existência.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2 ed – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei n. 9394 de 23 de Dezembro de 1996. Define as Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#apresentacao>. Acesso em 10 de novembro de 2021.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Ed. 16. Kindle. Rio de Janeiro. 2018.
- CARVALHO, Alexandre Filordi de; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. ANUNCIAÇÃO E INSURREIÇÃO DA DIFERENÇA SURDA: CONTRA-AÇÕES NA BIOPOLÍTICA DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE *Childhood & Philosophy*, vol. 12, núm. 24, mayo-agosto, 2016, pp. 391-415
- COIMBRA, Cecilia Maria Bouças. **Guardiães da ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "Milagre"**. Rio de Janeiro. Oficina do Autor, 1995.

- CORNEJO, Giancarlo. A guerra declarada contra o menino afeminado. Quereres, UFSCar, 2011. Disponível em: . Acesso em 10 nov. 2021.
- CRENSHAW, Kimberlê. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. In: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/09/KimberleCrenshaw.pdf>.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo. Editora 34, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 8. Ed. Petropolis, RJ : Vozes, 2007.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: como a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”. In: RIBEIRO, Paula R. Costa; MAGALHÃES, Joanalira C. (Org.). Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 25-52.
- MELLO, Anahi G.; NUERNBERG, Adriano H. “Gênero e deficiência: interseções e perspectivas”. Revista Estudos Feministas, v. 20, n. 3, p. 635-655, dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09/12/2021.
- OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. – Salvador – Bahia – Ed. Devires, 2020.
- OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de, PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições** | v. 23, n. 3 (69) | p. 159-178 | set./dez. 2012.
- PRECIADO, Beatriz. Quem defende a criança queer? Revista Geni. Disponível em <https://revistageni.org/>. 2014. Acessado em 10 de novembro de 2021.
- PRECIADO, Paul B. **TESTO JUNKIE**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. – N-1 edições, 2018.
- ROLNIK, Suely. “Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização”, in **Cultura e subjetividade**: saberes nômades, org. Daniel Lins. Papirus, Campinas, 1997; pp.19-24.
- ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. Ed. N-1 Edições, Mobi. 2 Ed. 2019.
- SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Currículo da Cidade: Ensino Fundamental: componente curricular: Ciências da Natureza. 2. ed. São Paulo: SME/COPED, 2019.